

Claudio, do planalto de Clementina às honras do Planalto

ÁLVARO KASSAB
kassab@reitoria.unicamp.br

José Teodoro de Souza e Rita Jacinta de Brito são baianos de Calculé, cidade da região de Vitória da Conquista. José saiu de lá para Clementina, cidade paulista que fica na região de Araçatuba. Foi em Clementina que José conheceu Rita. O negócio por ali é pecuária, boi gordo, embora a cana ocupe cada vez mais longas extensões de terra. José ignorou as leis de mercado e arriscou-se na lavoura. José lia com muita dificuldade; Rita era analfabeta. Casaram-se e tiveram 11 filhos, quatro mulheres e sete homens.

Todos ajudaram o pai na lavoura, mais precisamente no sítio São José. Além de ser batizado com o nome do santo devoto do proprietário e ter sido adquirido só deus sabe como, o pedaço de terra é um relicário de histórias. O oitavo filho do casal, Claudio Teodoro de Souza, esteve dia 8 último no Palácio do Planalto, onde recebeu o Grande Prêmio Capes de Tese “Carl Peter von Dietrich”. A tese, defendida por Souza na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, foi considerada a melhor do país na grande área de Ciências Biológicas (leia texto na próxima página).

Espalmadas, as longas mãos de Cláudio ostentam, na base de todos os dedos, saliências de um amarelo esmaecido. Seqüela dos tempos de enxada. A outra marca – esta imperceptível –, reponsável por uma pontada intermitente nas costas, Claudio finge que não sente. Metido num terno, mantém a espinha ereta e recebe com tranquilidade os cumprimentos do ministro. No plantio e na colheita, as coisas eram diferentes – suas costas funcionavam às vezes de sol a sol como uma gangorra.

Próximo dali, em outra solenidade, mais precisamente na 1ª Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva emitia sinais de que Haddad permaneceria no cargo. Na coxia do poder e nos jornais do dia seguinte, a fala do presidente logo foi batizada de “Dia do Fico”, de resto, expressão usada pelo próprio Lula.

Claudio, que não é obrigado a saber das tramas palacianas, seguiu abrindo seu largo sorriso no local onde se deu a premiação, mesmo quando, ao término de tudo, funcionários do cerimonial empilhavam as cadeiras dispostas no amplo salão envidraçado. O premiado tem uma explicação original para se situar. Quando se teoriza sobre a pobreza, argumenta, a associação com o sertão nordestino é imediata. Claudio lembra, sem nenhuma nesga de rancor, que cresceu em meio a “vários nordestes” na região de Clementina, em pleno estado de São Paulo. O sítio São José é um mi-

crocosmo do país.

Claudio e seus irmãos aprenderam desde cedo a se virar sozinhos. Os primeiros anos de escola e de vida – ou da vida toda, em alguns casos da família – falam por si. Quando chovia ou o ônibus da prefeitura quebrava, as estradas da região tornavam-se intransitáveis, o que fazia com que os irmãos Souza caminhassem 6,5 quilômetros para chegar na sala de aula. Feitas as contas, uma jornada de 13 quilômetros, afora a ida diária nos arados do São José, sítio formado no planalto.

Olhos congestos, revela que só chegou onde está em razão da dedicação da mãe. Para encaminhar os filhos à escola, a mulher acendia a lenha do fogão nas primeiras horas da madrugada. Como os filhos saíam de casa no máximo às 5 da manhã, tudo devia estar pronto pelo menos uma hora antes.

Safra – Nem sempre havia comida na mesa. A família chegou a consumir por bom tempo uma ração diária de sopa de mandioca. Era muita boca para alimentar; a produtividade, baixa. A maior parte do que era colhido nas culturas de milho, arroz, feijão, amendoim e café ia para a subsistência. A plantação de café era tratada com mais carinho. Em 1986, ano de safra muito boa, entrou dinheiro suficiente para a compra de um Fusca 1974. Sobrou outro tanto para que José, um irmão e outro vizinho se cotizassem e “puxassem” a rede elétrica até o sítio. Claudio, até os 14 anos, estudou à luz de lamparina.

Foi mais ou menos por essa época, no último ano de ensino fundamental, que Claudio ficou entusiasmado ao enxergar, por uma lente, espermatozoides e tecidos celulares da cebola no laboratório da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau de Clementina. O primeiro contato com o mundo microscópico, além do conhecimento empírico adquirido na observação das culturas plantadas no São José, o marcariam para sempre. Não havia do que se queixar. Na avaliação de Souza, o estabelecimento tinha uma boa biblioteca e excelentes professores.

Um ultimato do pai, que o queria durante todo o dia na lavoura, fez com que Claudio passasse, no ensino médio, a estudar à noite. Não raro se dirigia à escola de bicicleta. A iluminar as estradas vicinais, um farolete movido a dínamo. Tinha fôlego de sobra. Defendia as cores do time de futebol de Clementina, tido como o “pulmão” da equipe – mais tarde, por conta de sua semelhança com o ex-capitão da seleção brasileira, ganhou o apelido de Cafu, como é chamado hoje por colegas do laboratório da FCM. Nas horas de folga, se banhava no remanso do córrego Raquel – hoje assoreado -,



Claudio Teodoro de Souza recebe o diploma do ginásio: caminhada de 13 quilômetros para ir e voltar da escola

que rasgava os fundos do sítio.

Terminado o colegial, 17 anos nas costas, Claudio decidiu que estava na hora de começar a se virar. Arrumou emprego na única usina de álcool e de açúcar de Clementina, onde exerceu a função de técnico de análise. Cláudio entraria pela primeira vez num grande laboratório – ali, avaliava a qualidade do álcool. O fim da safra, porém, abreviou seu tempo de permanência no primeiro emprego. Foram seis meses de carteira assinada. Disposto a deixar os ares rurais, Claudio foi tentar a vida fora de sua cidade.

Empregou-se como operário em Birigüi. A cidade, localizada a 35 quilômetros de Clementina, ganhou fama como centro calçadista. Trabalhou como operário na linha de produção de duas fábricas que produziam sapatos para crianças. Durante um ano, somando o tempo de permanência nos dois empregos, aplainou as dobras de couro que revestiam os calçados. Com 20 anos de idade, decidiu voltar aos estudos.

Detalhou aos pais seu plano. Disse a eles que pretendia entrar numa universidade e que gostaria de voltar a morar no sítio. Aquela altura, boa parte dos filhos estava criada – alguns, inclusive, colaboravam enviando dinheiro. Os pais apoiaram a iniciativa. Claudio trancou-se durante sete meses num quarto da casa e, sem o auxílio de ninguém, repassou o que havia aprendido no ensino médio em livros guardados ou cedidos por amigos. A carga diária de estudo era pesada – começava logo nas primeiras horas do dia e se estendia até tarde da noite.

Para fazer a inscrição, enfrentou outro dilema. Não tinha dinheiro para pagar a taxa e menos ainda para ir a Araçatuba, onde faria o exame. Sua mãe socorreu-o, “comprando” seu aparelho de som. O di-



Em Brasília, recebendo o Grande Prêmio Capes das mãos do ministro da Educação

nhairo, porém, era insuficiente. Claudio vendeu então sua maior relíquia – um disco de vinil da banda Sepultura. Não eram poucos os amigos que não teriam como sustentá-lo, ainda mais em outra cidade e em um curso de período integral. Entretanto, Cláudio estava disposto a ir até o fim.

Na faculdade – Claudio entrou em 12º lugar no curso de Educação Física da Unesp (Rio Claro). Optou pela licenciatura por crescer achando “bonita” a profissão de professor. O ingresso numa universidade pública, porém, não era garantia de que ele cursaria. Antes mesmo de o filho fazer a matrícula, José disse que não teria como sustentá-lo, ainda mais em outra cidade e em um curso de período integral. Entretanto, Cláudio estava disposto a ir até o fim.

Lembrou-se de um amigo dos tempos de colégio que estava morando em Rio Claro. O ex-colega de Clementina abriu as portas de sua casa, onde Claudio morou durante

os seis primeiros meses de faculdade. Uma bolsa de apoio destinada a estudante carente concedida pela Unesp garantiu o restante de dinheiro necessário para a sobrevivência nos três primeiros anos. Nos dois últimos semestres, sem a bolsa para levar o curso até o fim, Cláudio trabalhou de garçom num bar que funcionava como palco de bandas emergentes de jazz e blues.

Graduou-se em 1997, colou grau em 1998 e ficou um ano se preparando para o mestrado. Fez o exame, passou mas não conseguiu a bolsa institucional para se manter. A saída foi trabalhar como monitor num acampamento de férias em Tatuí. Em 2000, chegaram os recursos provenientes da bolsa. A dissertação, que tratava dos efeitos fisiológicos e metabólicos do treinamento físico em ratos obesos e diabéticos, foi apresentada em